

AS ORIGENS DA ABCA E SUA TRAJETÓRIA ENGAJADA: DA MODERNIDADE AOS TEMPOS ATUAIS, SETENTA ANOS DE CRÍTICA

THE ORIGIN OF ABCA AND ITS COMMITTED TRAJECTORY: FROM MODERNITY TO THE PRESENT TIME, 70 YEARS OF ART CRITICISM

Lisbeth Rebollo Gonçalves / USP
Cláudia Fazzolari / USP

RESUMO

Ao pensar as origens da crítica de arte moderna no Brasil, um capítulo fundamental de estudo é o que se refere à contribuição da Associação Brasileira de Críticos de Arte. O período de sua criação coincide com um momento relevante da modernização social no país, isto é a segunda parte da década de 1940 e o decênio de 1950. A *abca* surge assim em 1949, diretamente articulada à criação da Associação Internacional de Críticos de Arte – *aica* -, nascida no âmbito da UNESCO, em 1945, dentro de seu projeto de aproximação entre as diversas culturas e regiões do mundo, numa época de forte impacto das destruições e conflitos advindos do final do grande confronto da Segunda Guerra Mundial.

PALAVRAS-CHAVE

ABCA-história; Crítica de Arte-debate; Crítica e engajamento; Modernidade artística; Crítica e Contemporaneidade.

ABSTRACT

*When it comes to the origins of Modern Art Art Criticism in Brazil, an underlying chapter for study is the one regarding the contribution of the Brazilian Association of Art Critics. The period of its foundation goes in tandem with a relevant moment of social modernization in the country, which is the second part of the 1940s and entire 1950s. The *abca* emerges in 1949, directly articulated to the rise of the International Association of Art Critics – *aica*, founded in the context of UNESCO, in 1945, within its project of approximation of different cultures and regions in the world, in a time of strong impact caused by conflicts and the devastation originated from the Second World War.*

KEYWORDS

abca-History; Art Criticism- debates; Criticism and commitment; Artistic Modernity; Criticism and Contemporaneity.

Introdução

Ao pensar as origens da crítica de arte moderna no Brasil, um capítulo fundamental de estudo é o que se refere à contribuição da Associação Brasileira de Críticos de Arte. O período de sua criação coincide com um momento relevante da modernização social no país, isto é, a segunda parte da década de 1940 e o decênio de 1950. No campo das instituições voltadas à cultura, eram tempos de debate e articulações para a criação de museus de arte – o MASP e o MAM de São Paulo e o MAM do Rio de Janeiro. Já havia surgido no âmbito governamental o IPHAN¹ em 1937, por meio da Lei 378, assinada pelo então presidente Getúlio Vargas, que, contando com a presença de Rodrigo Mello Franco de Andrade à frente do primeiro momento de sua existência, incentivava a arte moderna. Na década anterior e no início dos anos 1940, haviam acontecido salões de arte de moderna, organizados pelos artistas, mas sem ainda um respaldo institucional. Estas exposições motivaram o surgimento da crítica de arte voltada à arte moderna na grande imprensa, onde colaborarão os intelectuais ligados ao projeto modernista que teve como marco fundamental a Semana de Arte Moderna de 1922. Desta forma, logo no pós-segunda grande guerra, a modernização artística pode ser alavancada e consolidada. A prática dos críticos foi fundamental neste cenário.

A **abca** surgiu em 1949, diretamente articulada com a criação da Associação Internacional de Críticos de Arte – aica -, nascida no âmbito da UNESCO, criada em 1945, dentro de seu projeto de aproximação entre as diversas culturas e regiões do mundo, numa época de forte impacto das destruições e conflitos advindos do final do grande confronto da Segunda Guerra Mundial.

Na UNESCO, firmava-se a *cultura* como um ideal para a reconstrução de novos tempos, com atitudes mais compreensivas em relação às diferenças entre os povos e a procura de uma realidade mais humanitária no mundo.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo; FAZZOLARI, Cláudia. As origens da abca e sua trajetória engajada: da modernidade aos tempos atuais, setenta anos de crítica, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1123-1138.

Críticos brasileiros participaram do Encontro da UNESCO de junho de 1948, que propôs a criação da Associação Internacional de Críticos de Arte, com um escritório permanente em Paris. Sérgio Milliet, que será primeiro presidente da **abca**, e Mário Barata estavam entre os convidados para a reunião que fundaria a **aica**. Neste evento, compareceram historiadores da arte como Lionello Venturi (Itália), Paul Fierens e Robert Delevoy (Bélgica), Pierre Couthion (Suíça), diretores de museus como Jean Cassou (França) e James Johnson Sweeney (EUA), teóricos como Herbert Read (Inglaterra), críticos como Denys Sutton (Inglaterra) e Waldemar George (França), e artistas teóricos como André Lothe².

Durante o segundo Encontro da **aica**, um ano depois, em junho de 1949, quando foram aprovados os seus estatutos, anunciou-se a criação de treze seções nacionais, entre elas a brasileira. Está, portanto, a **abca** entre as primeiras associações nacionais de críticos de arte que surgiram após o término da segunda guerra e será a primeira associação nacional de profissionais que se dedicam ao estudo das artes visuais. Estiveram presentes em Paris, nesta segunda ocasião, novamente Sérgio Milliet, e ao seu lado compareceram Mário Pedrosa e Antonio Bento, que viriam a ser no futuro, igualmente, presidentes da Associação.

No primeiro quadro administrativo da AICA eleito em 1949, Paul Fierens³ foi o presidente. Foram escolhidos seis vice-presidentes: Lionello Venturi, James Johnson Sweeney, Raymond Cogniat, Eric Newton, J.J. Crespo de la Serna, Gerard Knuttel, Simone Gille-Delaфон era a secretária geral e Walter Kern, o tesoureiro. Três secretários regionais foram nomeados: Sérgio Milliet, para a América Latina; Antonin Matejcek, para a Europa Central e Eurípide Foundoukidis, para o Oriente Próximo.

Congressos e seminários: vocação investigativa aica-abca

Nos Encontros **aica** de 1948 e de 1949, foram debatidos problemas da crítica de arte, na perspectiva teórica e prática. Em 1948, discutiu-se o espaço da crítica de

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo; FAZZOLARI, Cláudia. As origens da **abca** e sua trajetória engajada: da modernidade aos tempos atuais, setenta anos de crítica, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1123-1138.

arte e, em 1949, a discussão centrou-se nas *Questões Estéticas e Questões Profissionais: direitos da crítica, responsabilidade dos críticos para com o público, os artistas, os poderes oficiais*. No campo da reflexão estética, houve um eixo principal nos debates sobre a especificidade da crítica e suas diferenças em relação à história da arte, com a necessidade, para a crítica, de inventar novos métodos e critérios a fim de trabalhar de modo adequado a arte da atualidade, um desafio permanente para a sua prática, ao longo do tempo.

As questões do papel da crítica e sua relação com as teorias e as humanidades sempre permearam as discussões, tanto nos Congressos que se sucederam na trajetória da aica, como nos Encontros promovidos pela abca, desde 1951. A associação brasileira vem realizando, ao longo de seu percurso, importantes debates. Em 1959, a abca promoveu um Congresso Internacional da aica que se realizou em dias sucessivos, em três cidades: em Brasília, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Brasília iria ser inaugurada em 1960 e, diante da inédita experiência arquitetônica e urbanística que representava, decidiu-se organizar um Congresso Extraordinário da aica em torno de um debate sobre a nova capital federal do Brasil. Tal Congresso reuniu críticos de arte, arquitetos e urbanistas do país e do estrangeiro e discutiu o significado estético, cultural e urbanístico dessa cidade construída e inaugurada durante o governo de Juscelino Kubitschek, símbolo máximo do progresso e da modernização cultural no decênio 1950. O tema central do encontro foi *Brasília, Cidade Nova, Síntese das Artes*, e a organização do evento coube, especialmente, a Mário Pedrosa e Mario Barata.

Entre os muitos importantes Congressos de Crítica de Arte realizados desde 1951, na ocasião da I Bienal de São Paulo, vale destacar o de 1961, organizado por Antonio Bento que discutiu a predominância, nos 15 anos pós-segunda guerra, da linguagem abstrata; o de 1987, em São Paulo, sob a coordenação de Ernestina Karman e à época da Bienal daquele ano, que debateu arte contemporânea e crítica

de arte; o Encontro dos 50 Anos da **abca**, em 1999, em Porto Alegre, na ocasião da II Bienal do Mercosul, evento promovido por Fabio Magalhães e coordenado por José Roberto Teixeira Leite, que pôs foco nas questões artísticas e críticas em relação à América Latina.

O Seminário Internacional da **abca**, realizado em São Paulo, em outubro de 2002, discutiu *Os Lugares da Crítica de Arte*. Nesse momento, a questão central foi a revisão de parâmetros e significados da crítica, discutindo-se até que ponto ela se tornara uma atividade alheia a todo juízo de valor; se ela deve ser vista como uma atividade tão criativa como o próprio gesto artístico; que não oculta a ideia de arte que fundamenta o próprio discurso e o lugar que atribui ao objeto artístico dentro de um conjunto significativo.

Outro encontro relevante destacado para um breve panorama histórico que resgata as origens e a contribuição da **abca** foi a organização do 41º Congresso Internacional **aica** realizado no Brasil, em outubro de 2007. Tal congresso voltou-se ao debate sobre *A institucionalização da arte contemporânea: a crítica de arte, os museus, as bienais, o mercado de arte*. A crítica no sistema das artes foi o foco do programa do evento que contemplou a Jornada **abca** de *Arte e Crítica* destinada a debater *o estado da arte* das pesquisas no país. O evento realizado pela **aica**, pela **abca**, pela USP e pelo MAC/USP, recebeu apoio de agências de fomento e instituições privadas que reconheceram a vitalidade desse encontro científico.

Já a Jornada, intitulada *Pesquisa na abca: balanço e perspectivas*, realizada em agosto de 2013 pela **abca**, com apoio CAPES e Pró-Reitoria de Pós-Graduação da USP, divulgou as pesquisas realizadas por associados e seus pares em diferentes centros de investigação permitindo problematizar e aprofundar os elos existentes entre a crítica de arte e a prática historiográfica.

Na mais recente edição da Jornada *abca*, *Arte Concreta e Vertentes Construtivas: Teoria, Crítica e História da Arte Técnica*, construiu-se um evento internacional em parceria com a UFMG, o LACICOR⁴ e o Getty Institute, em junho de 2018, para discussão das diversas possibilidades teóricas de abordagem da história, da crítica e das técnicas utilizadas na construção da obra de arte. Destacou a arte concreta, neoconcreta e as vertentes construtivas na América Latina, uma produção singular no contexto da arte moderna no século XX.

Tais iniciativas marcam uma forte intersecção com o contexto social, político e cultural evidenciada ao longo da trajetória histórica da *abca*.

O prêmio abca

Em toda trajetória de ações culturais consolidadas em décadas de trabalho, as premiações da *abca* são lidas como marcos na gestão de um projeto cultural que reconhece a vitalidade das artes visuais em sintonia com as realidades sociais do país.

No campo da cultura, o decênio de 1970 marca-se, em 1975, pela criação da FUNARTE no âmbito federal. Uma instituição ligada ao Governo Federal, cuja missão era incentivar a produção, a prática e a difusão das artes, criando políticas públicas federais de estímulo à produção cultural.

Por outro lado, o ambiente social da década de 70, reunindo manifestações de artistas, críticos de arte e gestores de espaços culturais que solicitavam o direito à organização e participação em eventos públicos – como ocorreu na exposição *Do Corpo à Terra* no Palácio das Artes em Belo Horizonte e no projeto experimental de ações coletivas conhecido como *Domingos da Criação*, no Museu de Arte Moderna do Rio - se constituía como um panorama de produção e circulação de projetos com ações próximas a “arte de guerrilha”⁵ conforme leitura do crítico de arte Frederico Morais diante de um estado de tensão permanente vivido na cena cultural.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo; FAZZOLARI, Cláudia. As origens da *abca* e sua trajetória engajada: da modernidade aos tempos atuais, setenta anos de crítica, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1123-1138.

Cabe destacar que a **abca** no ano de 1978, apresentava a premiação anual e, também se levantava contra a sentença imposta ao pintor mineiro Lincoln Volpini, frisando que, devido ao absurdo da mesma, a associação tomava uma posição pública. O documento que, posteriormente, foi divulgado pela imprensa denunciava a dura censura imposta ao trabalho do artista:

“A propósito da matéria publicada na imprensa, em que se noticia ter o Conselho Permanente de Justiça da 4ª. Circunscrição Militar condenado, em 27 de julho passado, o pintor mineiro Lincoln Volpini a um ano de reclusão por ser autor de um trabalho premiado dado como “subversivo” pelas autoridades militares, a ABCA, filiada à Association Internationale des Critiques d’Art, vem, de público, estranhar e condenar uma atitude que, no seu entender, cercearia a livre criação artística”. ⁶LIVRO DE ATAS, 1978, n.p.

A iniciativa da premiação, na gestão de Carlos Flexa Ribeiro, então presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte, no ano de 1978, estabelecia com o patrocínio da FUNARTE, o prêmio anual da **abca** materializado na entrega de um troféu à agentes ativos do meio artístico, visando apoiar artistas e críticos de arte em suas ações profissionais.

É preciso mencionar que a ideia de premiar artistas e personalidades que se destacam a cada ano nasceu nos anos de 1960, conforme registro de atas. Em 1971 se regulamentou o prêmio da crítica a ser atribuído a um artista e a um crítico ou historiador da arte. Em 1973 e 1975, registrava-se a ideia de um Prêmio de Viagem ao Exterior, mas nada se concretizou pela falta de fundos. Os prêmios surgiram com o apoio da FUNARTE.

Como homenagem ao crítico Gonzaga Duque, a primeira categoria da premiação **abca** deu início aos prêmios que se constituíram como referência na área. A categoria contemplava a produção de crítico de arte associado e a articulação em pesquisa e gestão de projetos relacionada à publicações e a eventos culturais.

O Prêmio Mário Pedrosa - segunda categoria também criada em 1978 – destinada à artista de linguagem contemporânea, coube nesse ano à Arcângelo Ianelli pelo destacado percurso na arte brasileira.

Os critérios para premiação inicialmente definidos no Item de no.11 do Regimento da **abca** – documento que acompanha o Estatuto da associação - podem ser sintetizados da forma ampla com a atribuição por votação dos associados e aprovação dos outorgados em Assembleia Geral.

Atualmente a votação é realizada por meio de cédula com lista tríplice, contendo indicações aprovadas e, formaliza assim um processo que abrange todas as seções da **abca** no país. A apuração, realizada por uma comissão de associados, com a participação da diretoria, é apresentada à Assembleia para aprovação final. Os prêmios são divulgados à imprensa e os troféus, entregues em cerimônia pública.

Entre 1978 e 1994 os troféus foram criações originais dos artistas Haroldo Barroso e Maurício Salgueiro. Na sequência, o troféu destinado às categorias, entre 1995 e 1999, contou com a doação de uma escultura de Bruno Giorgi, criação cedida pela viúva do artista, Leontina Giorgi.

O acompanhamento das trajetórias de artistas, gestores culturais, instituições e veículos de comunicação especializados em artes visuais possibilitou a ampliação das categorias de premiação, particularmente em função do adensamento do campo no decorrer das últimas décadas de oitenta e noventa.

Assim foram instituídas duas novas categorias, em 1991; uma homenageando o escritor e crítico de arte Sérgio Milliet – primeiro presidente da **abca** - com prêmio destinado a autor filiado ou não filiado por pesquisa publicada e também outra homenagem: batizado com o nome do patrono da Bienal de São Paulo, Ciccillo Matarazzo, um prêmio destinado à personalidade atuante no meio artístico.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo; FAZZOLARI, Cláudia. As origens da **abca** e sua trajetória engajada: da modernidade aos tempos atuais, setenta anos de crítica, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1123-1138.

No ano 2000 foram debatidas em assembleia e instituídas outras quatro categorias de premiação – Prêmio Mário de Andrade, Prêmio Maria Eugênia Franco, Prêmio Clarival do Prado Valladares e Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade – homenageando quatro pilares da cultura brasileira juntamente com Menções Honrosas e Homenagens para destaques na cena cultural.

Finalmente os Prêmios Paulo Mendes de Almeida e Antonio Bento destinados respectivamente à melhor exposição de arte, no ano da premiação e, destacado veículo de comunicação na difusão das artes visuais na mídia foram instituídos em 2003, perfazendo assim as dez categorias de premiação que a entidade mantém na atualidade.

Mais de quatro décadas de gestão marcam os trabalhos do Prêmio abca em diversas parcerias com artistas consagrados na cena nacional e internacional. Conforme o histórico da premiação, às primeiras contribuições de Haroldo Barroso e Maurício Salgueiro somaram-se as criações de Bruno Giorgi e Nicolas Vlavianos e atualmente uma obra criada pela artista Maria Bonomi.

Gestão de projetos culturais: parceria com a Bienal de São Paulo

Dentre as parcerias efetivadas no decorrer da história da associação, uma convivência destacada em seu percurso de atividades deve ser mencionada com especial atenção: a interlocução com a Bienal de São Paulo.

Sérgio Milliet, Antonio Bento, Mário Pedrosa, Marc Berkowitz, Radha Abramo, Jacob Klintowitz, Olívio Tavares de Araújo, entre muitos membros da associação foram partícipes do projeto da Bienal de São Paulo em suas mais distintas ações culturais.

Fossem membros de júris de premiação, diretores artísticos de edições da Bienal, integrantes do Conselho de Arte e Cultura, articuladores de congressos, os associados atuaram atentos às decisões que a instituição desenhava na cena das artes.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo; FAZZOLARI, Cláudia. As origens da abca e sua trajetória engajada: da modernidade aos tempos atuais, setenta anos de crítica, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1123-1138.

O compromisso com os rumos de uma política para as artes e o posicionamento crítico de membros da *abca* determinaram os lugares de suas ações frente, por exemplo, a uma polêmica que seguiu os descompassos da X Bienal de São Paulo e recebeu resposta contundente da associação.

A análise criteriosa do panorama social, político e cultural estabelecido no país no final da última década de sessenta, especificamente no ano de 1969, possibilita acessar as circunstâncias e os impactos que o golpe civil militar de 1964 gerou à época, com destaque para o ambiente repressor instalado pelo gesto autoritário do Ato Institucional no. 5, de 1968.

Neste contexto opressor com ações vigiadas, exílio de artistas e forte censura à livre expressão de projetos artísticos – como ocorrera com a interdição da mostra realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, destinada à representação brasileira para a VI Bienal de Paris, com obras censuradas pelo Estado, desativadas e levadas ao depósito da instituição - a X edição da bienal recebia com reservas as reações de artistas e críticos de arte comprometidos com as lutas democráticas.

Mário Pedrosa, à época Presidente da *abca*, acompanhava o movimento da Fundação Bienal, quando a instituição formava uma Comissão de Artes Plásticas para a tramitação da edição de 1969 e, convidava membros da associação e artistas para a composição de uma frente de trabalhos.

De fato, o processo dos trabalhos entre diversas interdições culminaria na desativação da própria Comissão, marcada pela negativa da Fundação Bienal à indicação do crítico Mário Schenberg, membro do Partido Comunista Brasileiro, ao júri da premiação internacional.

Pedrosa, inicialmente manifestou sua posição contra a censura às obras que comporiam a seleção para a VI Bienal de Paris, por meio de um texto intitulado “Os

deveres do crítico de arte na sociedade” e deu base à reação em cadeia que se consolidou, de fato, no boicote à X Bienal:

“Todos já conhecem o episódio de encerramento da exposição organizada pelo Museu de Arte Moderna do Rio (...). A perplexidade do público em face desse encerramento tornou-se maior quando o próprio Ministro de Relações Exteriores declarou pelos jornais os motivos e as providências do ato que determinou o fechamento da mostra. Estas declarações pela sua gravidade forçaram a Associação Brasileira de Críticos de Arte a vir manifestar de público sua posição em defesa da liberdade do exercício da crítica de arte no Brasil (...)”.⁷PEDROSA, 1995, p. 14

Importante destacar que o crítico, naquele ano, se manteve firmemente comprometido em atividades de resistência ao regime militar. Participante de um grupo de ação política, informava colegas no exterior sobre situações de tortura que aconteciam no país, tendo sido inclusive perseguido pela atividade.

Entre os associados que mantiveram direta relação profissional na instituição, Radha Abramo, membro **abca** e **aica**, esteve ligada à entidade em distintas ocasiões como participante do Conselho de Arte e Cultura; como assessora cultural e como membro integrante do júri de seleção e premiação da Bienal Nacional 76. Cabe destacar ainda a atuação da **abca** figurando como entidade responsável pelo Júri de seleção da 15ª. Bienal de São Paulo, em 1979, conhecida edição retrospectiva que se organizou com obras premiadas em edições anteriores. Tendo sido a primeira Bienal que não destinava prêmio aos artistas, a mostra fez história ao estabelecer novo modelo no projeto expositivo da Fundação.

Arquivo de Crítica de Arte

O Arquivo de Crítica de Arte, fundo documental pertencente à Associação Brasileira de Críticos de Arte, reúne atas de assembleias, cartas, cadernos de anotações, catálogos, estatutos, regimentos, folders de exposições, revistas especializadas e

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo; FAZZOLARI, Cláudia. As origens da **abca** e sua trajetória engajada: da modernidade aos tempos atuais, setenta anos de crítica, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1123-1138.

tem desenvolvido uma ação contínua voltada para a informação e o conhecimento da crítica de arte realizada no país.

Também associada ao fundo documental a *Coleção Crítica de Arte*, com títulos publicados pela abca em parcerias com a IMESP e com o SESC SP, tem constituído espaço de debate e organização, anual, de jornadas para divulgação de trabalhos sobre crítica de arte.

O Arquivo abca prioriza a ordenação e sistematização de documentos da associação, visando que a documentação pertencente ao acervo possa ser disponibilizada *online* a pesquisadores.

Conta com dissertações relacionadas aos documentos tombados no arquivo como: *Brasília, Cidade Nova, Síntese das Artes – O Congresso Internacional da aica de 1959; Antonio Bento, do modernismo à abstração: da crítica de Ismael Nery ao Congresso de 1961 e Aproximações entre Mario Pedrosa e Gestalt: crítica e estética da forma.*

Também teses foram desenvolvidas nos últimos anos associadas ao projeto de digitalização do acervo da associação. *O crítico e o trágico: a morte da arte moderna em Sergio Milliet; Antonio Bento e Romero Brest: o movimento abstrato como fluxo universal e A afetividade no pensamento de Mário Pedrosa*, em fase de finalização, são trabalhos diretamente associados ao Arquivo de Crítica de Arte da abca.

Com relação à publicação de livros, integrados à Coleção Crítica de Arte, conforme mencionado, tiveram lugar os seguintes títulos: *Sérgio Milliet, 100 Anos; Os Lugares da Crítica de Arte; Crítica e Modernidade; Brasília, Cidade Nova, Síntese das Artes – O Congresso Internacional da aica de 1959; Crítica de Arte e História da Arte* publicados pela abca e editoras parceiras.

Destacam-se textos críticos e fotos compondo parcela significativa do pensamento de Antonio Bento, Mário Barata, Mário Pedrosa, José Roberto Teixeira Leite, Carlos

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo; FAZZOLARI, Cláudia. As origens da abca e sua trajetória engajada: da modernidade aos tempos atuais, setenta anos de crítica, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1123-1138.

Flexa Ribeiro, Clarival do Prado Valladares, Radhá Abramo, Carmen Portinho, entre tantos intelectuais que participaram da instituição; assim o Arquivo da **abca** preserva o legado do debate crítico sobre arte no país.

Considerações Finais

Marca-se, assim, no perfil da **abca**, uma vocação no campo da produção de conhecimento, tal como pressupõe a dimensão ética do trabalho crítico.

Como meta, a **abca** vem acentuando sua missão de promover a aproximação e o intercâmbio entre os profissionais que atuam na área da crítica de arte, incentivando a pesquisa e a reflexão no domínio das disciplinas significativas para a arte, contribuindo, desta forma, para a produção artística e da teoria da arte, não só a esfera das artes visuais, mas também no campo mais amplo da educação e da cultura. A associação se interessa, portanto, em colaborar com todas as entidades que objetivam fins essencialmente semelhantes. Outro objetivo continua sendo o de defender, na prática da crítica, os direitos profissionais dos críticos de arte. Nos seus estatutos, a **abca** apresenta-se como “uma sociedade civil, cultural, autônoma e não lucrativa” e tem como finalidade “reunir os críticos de artes visuais, aí amplamente incluídos os profissionais da crítica de arte, pesquisadores, historiadores, teóricos, ensaístas, jornalistas, jornalistas culturais e professores de história da arte e de estética, brasileiros ou domiciliados no Brasil”.⁸

Das origens e da história da Associação Brasileira de Críticos de Arte, pode-se depreender a contínua interação dos críticos e suas práticas com *o estado da arte* da teoria e história da arte, com a vida em sociedade e suas dinâmicas políticas.

Na realidade atual, os críticos de arte vêm demonstrando ativismo, respondendo aos desafios e tensões da sociedade contemporânea e contribuindo aos debates políticos internacionais e nacionais. A crítica, quando se manifesta como curadoria -- a curadoria, que entre outras definições, pode ser entendida também como um

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo; FAZZOLARI, Cláudia. As origens da **abca** e sua trajetória engajada: da modernidade aos tempos atuais, setenta anos de crítica, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1123-1138.

espaço para a prática da crítica de arte -- cumpre um papel de mediação em colaboração com projetos que, por exemplo, lidam com problemas de minorias, com populações marginalizadas, com movimentos sociais, com circunstâncias que abatem os alicerces culturais. Tal como o artista, o crítico alinha, muitas vezes, seu trabalho com agendas dos movimentos sociais. Os críticos de arte, assim como os artistas, reagem à censura, internacionalmente. Os meios da prática crítica vão se transformando e o perfil do crítico e de seus espaços associativos ganham novas relevâncias.⁹

Notas

¹ IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

² LASSALE, Hélène. *Fondation de la Association Internationale des Critiques d'Art*. In HISTOIRES DE 50 ANS DE L'ASSOCIATION INTERNACIONALE DES CRITIQUES D'ART. Paris, AICA Press, 2002.

³ Era diretor do Museu Real de Belas Artes de Bruxelas (Bélgica). Professor de História da Arte Moderna e Estética na Universidade de Liège. Escritor e poeta. (*1895--1957).

⁴ LACICOR é o Laboratório de Ciência da Conservação associado ao CECOR Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais da Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais.

⁵ Termo cunhado por Décio Pignatari em 1967; Teoria da guerrilha artística. In: FERREIRA, Glória (org) *Crítica de arte no Brasil: temáticas contemporâneas*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2006.

⁶ Conforme Ata de 31 de julho de 1978. Livro de Atas Associação Brasileira de Críticos de Arte.

⁷ PEDROSA, Mário. Os Deveres do Críticos de Arte na Sociedade, In: ARANTES, Otília (org), *Política das Artes. Textos Escolhidos I*. São Paulo: EDUSP, 1995.

⁸ Estatuto da Associação Brasileira de Críticos de Arte. Depositado no 3º. Cartório de Títulos e Documentos e Registro Civil de Pessoas Jurídicas, São Paulo.

⁹ DIEGO, Juan Alabarrán. De l'Activisme curatorial: art, politique et expositions (à intérieur et au-delà des institutions). In : **Critique d'Art** n. 51. Ed. Archives de la Critique d'Art- Groupement d'Intérêt Scientifique – Université Rennes 2 Automne/Hiver 2018. Rennes, França.

Referências

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. **Mário Pedrosa: itinerário crítico**. São Paulo: Scritta, 1991.

BARCINSKI, Fabiana (org). **Sobre a arte brasileira: da Pré-história aos anos 1960**. São Paulo: Editora WMF: Edições SESC São Paulo, 2014.

BEDTCHE, Araceli Barros da Silva Jellmayer. **Antonio Bento, do modernismo à abstração: da crítica de Ismael Nery ao Congresso de 1961**. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

_____. **Antonio Bento e Romero Brest: o movimento abstrato como fluxo universal**. Doutorado (PROLAM), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo; FAZZOLARI, Cláudia. As origens da abca e sua trajetória engajada: da modernidade aos tempos atuais, setenta anos de crítica, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1123-1138.

BENTO, Antônio. **Abstração na arte dos índios brasileiros**. Rio de Janeiro: Spala Editora, 1979.

_____. **Expoentes da pintura brasileira**. Rio de Janeiro: Clube de Arte, 1973.

BERTHET, Dominique. **Pour une Critique d'Art Engagée**. Paris. Ed. L'Harmattan. 2013.

----- . **Les Défis de la Critique d'Art**. Paris. Édition Kimé.2006

BERTOLI, Mariza e STIGGER, Verônica (org.). **Arte, Crítica e Mundialização**. São Paulo, ABCA/Imprensa Oficial, 2008.

DIEGO, Juan Alabarrán. De l'Activisme curatorial: art, politique et expositions (à intérieur et au-delà des institutions). In : **Critique d'Art** n. 51. Ed. Archives de la Critique d'Art- Groupenent d'Intérêt Scientifique – Université Rennes 2 Automne/Hiver 2018. Rennes, França.

DRESDNER, Albert. **La Genèse de la Critique d'art**. Paris. Ed. École Supérieure des Beaux-Arts. 2005.

FABRIS, Annateresa (org.). **Crítica e Modernidade**. São Paulo, ABCA/Imprensa Oficial,2006.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. **Sérgio Milliet, crítico de arte**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo (org.). **Sergio Milliet 100 anos**. São Paulo, ABCA/Imprensa Oficial, 2004.

----- (org.). **Arte Brasileira no Século XX**. São Paulo, ABCA/Imprensa Oficial/MAC USP. 2007.

----- (org.). **AICA CONGRESS PROCEEDINGS. SÃO PAULO BRAZIL 2007**. São Paulo, SESCSP/AICA/ABCA/MAC USP, 2007.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo e FABRIS, Annateresa (org.). **Os Lugares da Crítica de Arte**. Abca/ Imprensa Oficial, 2005.

MARCONDES, Neide, FAZZOLARI, Cláudia (orgs). **Crítica de Arte e História da Arte**. São Paulo: Associação Brasileira de Críticos de Arte, ABCA, 2016.

LIVRO de Atas da Associação Brasileira de Críticos de Arte. Volume III. Janeiro/1976- Agosto/1984.

MILLIET, Sérgio. **Diário crítico de Sérgio Milliet**. São Paulo: Brasiliense, 1944.

----- . **Fora de forma (arte e literatura)**. São Paulo: Editora Anchieta, 1942.

PEDROSA, Mário. **Mundo, homem, arte em crise**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Acadêmicos e modernos: textos escolhidos III**. São Paulo: EDUSP, 1998.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo; FAZZOLARI, Cláudia. As origens da abca e sua trajetória engajada: da modernidade aos tempos atuais, setenta anos de crítica, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1123-1138.



28º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas
Origens - Cidade de Goiás - 16 a 20 de setembro de 2019

_____ **Modernidade cá e lá: textos escolhidos IV.** São Paulo: EDUSP, 2000.

_____ **Política das Artes : textos escolhidos I.** São Paulo: EDUSP, 1995.

REVISTA ArtNexus, Ed. Arte en Colombia. Miami/Bogotá.

REVISTA *Critique d'Art –Actualité Internationale de la Littérature Critique sur l'Art Contemporain.*
Ed. Archives de la Critique d'Art- Groupement d'Intérêt Scientifique – Université Rennes 2,
Rennes, França.

SANTANA Naum Simão de. **O crítico e o trágico: a morte da arte moderna em Sérgio Milliet.**
Tese (Doutorado em Artes), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SCHROEDER, Caroline. **X Bienal de São Paulo: sob os efeitos da contestação.** Dissertação
(Mestrado em Teoria, Ensino e Aprendizagem), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ZMITROWICZ, Maria. **Brasília, Cidade Nova, Síntese das Artes** – O Congresso Internacional da
Aica de 1959. São Paulo: ABCA, 2011.

Lisbeth Rebollo Gonçalves

Presidente da Associação Internacional de Críticos de Arte – AICA. Mestrado e doutorado em Sociologia da Arte (FFLCLH/USP). É professora titular da ECA USP. Atua nos Programas de Pós-Graduação em Integração da América Latina, PROLAM e no Programa de Pós-Graduação em Estética e História da Arte, PGEHA. Tem artigos, ensaios e livros publicados. Colaboradora da Revista *Artnexus*, desde 1996.
Contato: <http://lattes.cnpq.br/2753819507135011>

Cláudia Fazzolari

Vice-presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte, ABCA. Doutora em Ciências da Comunicação e pós-doutora em Teoria e Crítica de Arte (ECA/USP). Docente do Curso de Especialização em Gestão de Projetos Culturais, CELACC, USP. Parecerista na Revista *Extraprensa*. Membro da Associação Internacional de Críticos de Arte, AICA. Currículo
Contato: <http://lattes.cnpq.br/1740657402604541>

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo; FAZZOLARI, Cláudia. As origens da abca e sua trajetória engajada: da modernidade aos tempos atuais, setenta anos de crítica, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1123-1138.